

Um instante, srs. constituintes

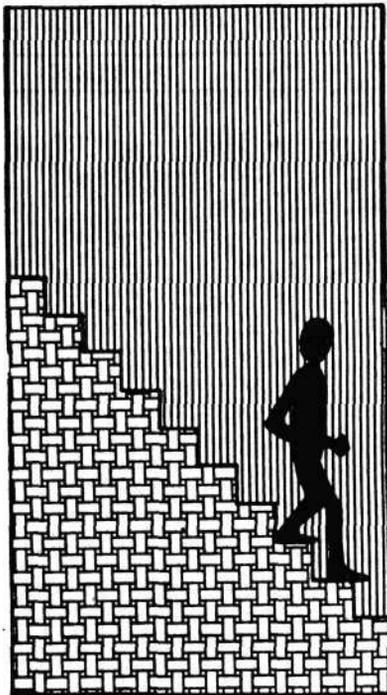
GAUDÊNCIO TORQUATO

Um instante, senhores constituintes. Antes da grandiosa festa que os senhores vão dar para comemorar a entrada em vigor da nova Constituição, recolham os pertences antigos, limpem as gavetas estocadas de angústias, pressões, lobbies, acordos estapafúrdios, conchavos e barganhas, desatem os nós de consciência, desfaçam os jogos interesseiros e preparem-se para a viagem por um Brasil novo. Não adianta, senhores constituintes, iniciar o trajeto em direção ao terceiro milênio vestido à moda antiga, no estilo roto que, nos últimos tempos, tem corroído a credibilidade da instituição pública brasileira.

Façam um pequeno exame de consciência. Vale a pena. Comecem acreditando que o trabalho de 18 meses de debates e votações orgulha qualquer cidadão. Trata-se, afinal, do encontro das aspirações nacionais. Plasmar a Carta Magna de um país é responsabilidade histórica de primeira grandeza. Está em jogo o destino de um povo, esboça-se o rumo de uma nação. Ninguém duvida, portanto, da magnitude dos trabalhos constituintes.

Também não se questione o valor democrático da livre discussão. O embate aberto das idéias vitaliza as democracias. A Constituição brasileira nasce engrandecida pelo espetáculo dignificante do confronto. Posições diametralmente opostas foram submetidas ao sufrágio, recuos e avanços imprimiram vigor aos debates, acordos se fecharam e, no apagar as luzes, o País ficou com a impressão de que tudo acabou bem. Se assim, foi, amém! Mas que há dúvidas, isso há.

Meditem, senhores constituintes, sobre seu próprio perfil e comportamento durante os trabalhos. A constituição esboçada espelha com fidelidade sua posição? Seu voto obedeceu, rigorosamente, a uma imposição de consciência ou foi guiado por interesses circunstanciais? Os capítulos votados refletem, verdadeiramente, as aspirações do Brasil real, esse Brasil que labuta nas fábricas, escritórios, o Brasil rural, de



um povo acostumado com promessas mirabolantes, devaneios verborrágicos, um país recortado culturalmente pelo descrédito e desconfiança?

Não adianta vestir o País com um tecido constitucional reconhecidamente avançado nos capítulos da Ordem Econômica e Social se os costumes políticos nem procuram disfarçar o pano carcomido do fisiologismo, das benesses e favorecimentos, das trocas de favores e da corrupção deslavada. O País novo que se quer rechaça a cultura arcaica da nossa tradição política. Não adianta fazer festa de comemorações, se o banquete constitucional parece querer servir um cardápio de desarranjos. O descrédito da instituição política é, freqüentemente, resultante do acúmulo de incoerências que se abatem sobre a classe política.

A respeito do novo texto constitucional, a impressão que se tem é a de uma acentuada distância entre o produto final e o perfil de seus autores. O cansaço dos últimos dias, a

pressão das eleições municipais, a quebra das regras do jogo, inclusive a desmontagem do Regimento pelo próprio presidente Ulysses Guimarães, o esgotamento físico e psicológico de muitos congressistas, tudo isso corrobora a idéia de que entre a Constituição aprovada e o País real há uma grande escada. Para se chegar até ela, será preciso subir alguns degraus. Os senhores constituintes saberão escalá-los no momento em que se estruturar a legislação ordinária?

Outra impressão é a de que os constituintes não acreditaram muito no que aprovaram. De um lado, deram mostras de exuberância legislativa, aprovando de roldão diversos capítulos que mereciam discussão aprofundada no segundo turno, de outro, demonstraram, em alguns momentos, desconhecimento sobre o que se estava votando. Até o líder Ibsen Pinheiro foi surpreendido perguntando como deveria ser seu voto.

O que pode causar, porém, maior impacto é a dissonância provocada por uma Constituição que se reconhece avançada e moderna, retrato de um novo Brasil, e um caldo político engrossado por um imenso festival de barganhas e interesses fisiológicos. Em que acreditar? No novo texto ou nos velhos costumes? Em que intensidade as medidas da velha política balizarão a aplicação dos novos princípios constitucionais? Disfarçar o tecido esfarrapado do sofá com um pedaço novo de pano não melhora o conforto do assento. Apenas exprime a vontade do dono da casa em disfarçar as aparências.

De qualquer forma, deve-se receber com orgulho a nova Carta. Possivelmente, em mais algum tempo, por um desses surpreendentes espetáculos de mimese política, teremos a oportunidade de constatar um razoável equilíbrio entre as caras dos cidadãos, seus costumes e o perfil de seus representantes políticos. Nesse momento, sim, daremos adeus às ilusões.